

nha fôrça começou a arrastá-lo para baixo, e êle deixou-se afundar na cadeira. Alguma coisa tapava-lhe a garganta e dificultava-lhe a respiração. Seus olhos cobriam-se de névoas.

Ficou ali sentado durante algumas horas. Farrapos do passado vinham-lhe à memória. De vez em quando um arrepio percorria-lhe o corpo magro. A respiração difícil fazia-lhe doer o peito e as costas. Quando o clarão rubro da aurora surgiu sôbre o mar, o coração do velho começou a pulsar violentamente. Levou a mão ao peito, como se tentasse agarrar alguma coisa. — Aí vem o sol, murmurou. Sentia escapar-lhe o último fio de vida. Quis desabotoar a camisa, mas os braços caíram-lhe inertes ao longo do corpo. O dia começava a aparecer no ponto em que o mar se juntava ao céu. — Finalmente, está terminado, pensou. Os seus olhos fecharam-se, e a cabeça pendeu levemente para o lado.

FANTASMAS

*...Tu não sabes que nunca se está só?
E que por toda parte o mesmo peso de
futuro e de passado nos acompanha?*

ALBERT CAMUS

Paguei ontem uma velha promessa: fui visitar Dona Aurora. Há muito que lhe prometera aquela visita, mas só ontem me decidi a ir à casa dela.

Dona Aurora é uma senhora simpática que conta já, suponho eu, os seus sessenta ou sessenta e cinco anos. Conhecí-a há algum tempo, não me lembro como nem onde.

Ao contrário da maioria das pessoas de sua idade, que vivem geralmente fechadas dentro de si mesmas, Dona Aurora é bastante jovial, alegre mesmo, o que a torna uma velhinha agradável.

Ceguei à casa dela às quatro da tarde. Sensibilizou-me a alegria com que a boa senhora me recebeu. Quando ela se deparou comigo, o seu rosto adquiriu a expressão de alegria infantil da criança que ganha um brinquedo há muito tempo desejado. Os seus olhos, a que os anos tiraram já parte do viço, voltaram novamente a brilhar e pareciam dar vida nova às faces que o tempo enrugou.

Dona Aurora fêz-me entrar em casa cercando-me de atenções. Queixou-se por só ontem ter ido à sua casa. Desculpei-me como pude. Dona Aurora fala muito, de modo que, tive pouca preocupação em pensar o que dizer. Às vêzes, ela não me deixava terminar um assunto. Interrompia-me falando de outra coisa qualquer.

Na pequena sala, enquanto conversávamos, notei sobre uma mesinha o retrato de uma menina. Apesar de protegida pelo vidro do porta-retratos, a fotografia estava ligeiramente amarelada, o que fazia supor que era antiga.

Não sei que estranha impressão causou em mim aquêlo retrato. Muitas vêzes desviei a atenção da conversa para o olhar, e contudo, é perfeitamente natural que se tenha o retrato de alguém sôbre uma mesinha.

A menina estava sentada num sofá, apoiada por duas almofadas. Um sorriso infantil enfeitava-lhe os lábios e uma mecha de cabelo caía-lhe sôbre a testa.

Dona Aurora notou que eu observava a fotografia com insistência e veio em socorro da minha curiosidade.

— Era minha filha... Aquêlo era o pai — disse apontando para um quadro que pendia da parede, e que mostrava a figura de um homem ainda nôvo. — Morreu sem conhecer a filha.

Calculei tratar-se de uma história dolorosa, e, num relance, compreendi a solidão de Dona Aurora. Às vêzes, em certas situações, fico embaraçado, sem saber o que dizer. Esta foi uma delas. Não gosto de lembrar ou fazer lembrar coisas tristes. Diante da pessoa que conta o seu drama, temos que assumir um ar grave e compungido, embora não sintamos a tristeza daquele drama, o que me faz crer que todos nós temos portanto um pouco de hipócritas.

Ela explicou-me que o marido morrera num desastre de automóvel, e que, dois meses depois de sua morte, nasceu a menina, que passou a ser o objetivo da sua vida. Contou-me como a mimava, como brincava com ela horas e horas, como lhe achava graça quando ela começou a balbuciar as primeiras palavras.

Eu mantinha-me calado. Dona Aurora disse-me ainda muitas coisas a respeito da filha e do marido. Contou-me como sofreu com a morte da filha quando esta tinha apenas quatro anos. Ela não disse, nem eu lhe perguntei de que a menina morreu. Falou ainda alguma coisa mais sôbre a filha e finalizou dizendo:

— Se fôsse viva, talvez já me tivesse dado netos.

Agora estávamos os dois calados. Dona Aurora olhava com ar triste o retrato da filha. Parecia não se dar conta da minha presença. Estava totalmente entregue aos seus pensamentos. Por certo, recordava tempos mais felizes.

Eu sentia-me constrangido, e, desejei não estar ali, para não perturbar as recordações da boa velha. Ela pouco depois virou-se para mim e com os olhos baixos, esboçou um sorriso triste.

— É disto que eu vivo: de recordações e saudade.

Levantou-se dizendo que ia preparar um lanche para nós. Pedi-lhe que não se incomodasse, mas já ela atravessava a sala muito depressa.

Enquanto ela preparava o lanche, olhei uma vez os dois retratos. Tive pena da pobre mulher. Deve ser triste arrastar assim uma existência sem objetivos, alimentar a vida apenas com os fantasmas do passado. Lembrei-me entretanto, que, Dona Aurora é uma velhinha jovial, alegre... Mas, não será essa alegria apenas um meio de esconder as suas lágrimas? Uma forma de não demonstrar sua tristeza?

Dona Aurora não demorou muito a preparar o lanche. Enquanto comíamos, falamos sôbre uma porção de coisas. Eu evitei falar novamente sôbre a filha e o marido dela. Recomeçariam as recordações tristes, eu teria que assumir novamente aquêlo ar grave, muito sério e ficaria outra vez sem ter o que dizer.

O tempo passou depressa. Olhei o relógio. Seis horas. Levantei-me para me despedir de Dona Aurora. Ela não queria que eu me fôsse já, e, só depois de alguns esforços consegui deixar a casa dela.

Ela acompanhou-me até ao portão. Aproveitou para me mostrar as flôres do jardim que cultivava com carinho. Quando me despedi, pediu-me várias vêzes que não me esquecesse dela. E insistiu muito no pedido, como se tivesse mêdo que eu não cumprisse a minha promessa.

Enquanto me afastava, lembrava-me das últimas palavras de Dona Aurora. Pediam um pouco de calor humano. Ela estava por certo cansada da fria solidão. Pouco adiante, olhei para trás. Lá estava a velha senhora no portão. Acenou-me. Não pude deixar de lamentar aquela existência. Deve ser triste conviver apenas com fantasmas.